

NEGROS E CORONÉIS NA REGIÃO CENTRAL DO RS – UM ESTUDO DE CASO: O CASARÃO DOS MELLO/SÃO MARTINHO DA SERRA.

Neli Teresinha Galarce Machado¹
Saul Eduardo Seiquer Milder²

1- Doutoranda, USP, MAE, UNIVATES-Centro Universitário de Lajeado, RS. Rua Avelino Tallini, 171, Campus. Lajeado, 95900-000 e ou Rua E, 75, Novo Horizonte, Camobi, Santa Maria, RS, 97110-000. nelitgm@terra.com.br

2- Doutor, arqueólogo e Coordenador do LEPA/UFMS, rua Floriano Peixoto 1184, anexo, antiga reitoria, Santa Maria, 97110 372. milder@smail.ufsm.br

Palavras-chave: escravos, cultura material, senzala

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Este estudo tem como característica principal a necessidade de levantar novas abordagens dentro da arqueologia histórica riograndense. A região central do RS possui um patrimônio histórico arqueológico interessante, mas em diversas vezes é dado pouca importância. O patrimônio cultural pode ser organizado num conjunto com casarões, senzalas, guardas militares, guardas de registro, quilombos, fortes, cemitérios, moinhos, estâncias. Além das inúmeras coleções de evidências arqueológicas como louças, frascos de farmacopéia, armas, apetrechos de indumentárias militares e civis. Assim, o objetivo central deste estudo é mostrar o resgate e a identificação de uma parte da história do século XIX desta região.

Através do levantamento e estudo do conjunto do patrimônio cultural, a comunidade poderá verdadeiramente preservar seu patrimônio a partir do momento que toma parte e conhecimento deste.

O objeto de estudo deste artigo são as prospecções arqueológicas (sondagens e escavações) no casarão dos Mello que ocorreram em 1998, 1999, 2000, 2001 e 2002, no município de São Martinho da Serra, RS, Brasil.

Este artigo tem como enfoque central a última intervenção arqueológica no sítio Casarão

dos Mello (RS IBM 11) ocorrida em novembro de 2002.

Neste momento o foco de atenção foi a área da senzala e do pátio central que compõe a estrutura habitacional do casarão.

Inicialmente deve-se realizar uma retrospectiva sobre o projeto de Resgate Histórico e arqueológico em São Martinho da Serra.

Vários estudos sobre as análises dos objetos materiais e suas representações, inserido numa ótica de tentativa da identificação e reconstituição do cotidiano e da vida privada dos indivíduos, interligando com o contexto político e econômico sul-riograndense do século XIX e principalmente com o início da urbanização no RS nesse período, já foram realizados.

A leitura crítica e contextual do meio político e geográfico é de fundamental importância para o entendimento da recomposição de esferas particulares, bem como do uso social dos espaços, considerando os fenômenos da macro história e meso-história.

Outro fato de extrema importância, é que pouco se sabe das condições reais dos negros e das relações cotidianas dos coronéis e negros na região central do RS, dentro de uma perspectiva arqueológica. No RS é a primeira vez que tem-se a escavação de uma senzala como ponto de partida para uma pesquisa sobre a utilização dos espaços e como era a organização das áreas nobres (o

casarão propriamente dito) e as áreas marginais (porão e senzala).

O estudo da cultura material de São Martinho da Serra está sendo levado a efeito pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Desde junho de 2001 a coleção arqueológica é parte de uma tese de doutorado na USP/MAE, desenvolvida pela professora arqueóloga Neli Galarce Machado, pesquisadora associada no LEPA/UFSM e professora da UNIVATES.

Na fase preliminar da pesquisa, buscou-se levantar a presença da Guarda Espanhola de São Martinho na historiografia riograndense. [2] A guarda insere-se num contexto pós-missionário e de guerras de fronteira entre os impérios coloniais ibéricos no território do atual Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XVIII e início do século XIX.

Estão sendo realizadas prospecções no casarão dos Mello desde 1998 e tem revelado um interessante processo de ocupação e reocupação de espaços domésticos e arquitetônicos ao longo de dois séculos. Atualmente estamos envolvidos em prospecções na área da antiga senzala do casarão, do porão e da adega.

As pesquisas de cunho histórico, envolvem o resgate da documentação escrita e a manipulação da cultura material deste período específico, com objetivo de formar quadros mais seguros sobre a ocupação colonial do centro do atual Rio Grande do Sul.

A análise laboratorial dos vestígios arqueológicos tem nos mostrado peculiaridades significativas. No entanto somente a contraposição do estudo da cultura material e das fontes escritas proporcionarão novos avanços ao estudo deixando evidente acontecimentos do cotidiano de cidades do centro e fronteira.

Este sítio arqueológico, especialmente tem apresentado aspectos que ultrapassam qualquer registro escrito.

Até o momento (dez, 2002) foi possível identificar as seguintes estruturas: o casarão, o porão ou adega, a senzala e cozinha, as áreas de despejo, as áreas de captação de água – poço, a área de convívio dos negros escravos e a antiga cozinha dos escravos do casarão.



Fig. 1 visão geral da frente do casarão dos Mello, centro de São Martinho da Serra.

O tipo ou estilo arquitetônico do casarão, considerando a organização das peças da habitação e os elementos que compõem a construção, se apresenta como uma construção típica do início do século XIX, em estilo missionário. A utilização de pedras (rochas de arenito silicificado e basalto) de diferentes tamanhos misturado com tijolos manuais e preenchidos com cacos de telhas em canaleta e adobe, identificam o mais puro estilo missionário do interior do RS.

Atualmente o casarão está em ruínas, o telhado foi desmanchado e depositado próxima a área da casa. O telhado era composto por telhas em canaleta feitas manualmente, algumas possuem marcas dos dedos do artífice. [3] Os tijolos são de diferentes tamanhos e espessura e também possuem marcas dos dedos dos artesãos.

Não foi possível identificar a olaria onde se fabricou as telhas e os tijolos, provavelmente eram de fabricação martinhense.

As paredes do casarão variam de 50 a 60 cm de espessura. As paredes internas foram rebocadas com adobe e pintadas com cal. Algumas paredes (principalmente as do interior) são feitas de pau-a-pique com o taquaruçu e adobe, agrupadas com cravos e pregos. A madeira foi utilizada para fazer algumas repartições no interior da casa, bem como serviu de forro, assoalho e para a fabricação das aberturas (portas e janelas).



Fig. 2 visão lateral da antiga senzala do casarão.

As vigas de sustentação são de angico.

Esse casarão pode ser considerado um excelente referencial de como as construções perpassam os anos e são remodelados ou modificados conforme seus moradores ou suas funções.

Nos registros históricos e nos orais, temos que a área do casarão faz parte do início de distribuição de sesmarias para a região central do RS.



Fig. 3 e 4 cachimbo de argila moldado, provavelmente pertencia a algum negro escravo do casarão.



Fig. 5. Exemplo de tijolo do casarão com marcas das digitais.

Outro registro é que o primeiro morador e talvez o que construiu tenha sido um tropeiro sorocabano (Mello). Outro dado é que o casarão teve um morador ilustre também Mello, coronel que lutou na Guerra do Paraguai, esse mesmo militar também participou da extinta Guarda Nacional e foi um dos primeiros deputados provinciais do RS.

Mais para o final do século XIX esse casarão serviu de Clube Republicano, após Loja Maçonica, depois, Câmara de Vereadores e por fim teve algumas atribuições do tipo comercial (pensão e padaria). O último ocupante morreu nos anos 80.

Assim conhecida a história de ocupação desse casarão, percebe-se que há diversidade de moradores e realizando averiguações na parte estrutural arquitetônica. Verifica-se que essa diversidade está estampada nas alterações construtivas e espaciais que o casarão sofreu ao longo de quase duzentos anos. Existe uma peça em anexo que a oralidade considera como sendo a antiga senzala de uns 16 escravos. Em muitas memórias está viva a história do coronel que tinha escravos, alguns de ofício, a maioria era doméstico.¹

Conforme nossas averiguações arqueológicas, existiam (em 2002 vândalos destruíram) duas pequenas aberturas triangulares (três tijolos) que serviam de respiro. O piso era de chão batido e as paredes de pedra.

No século XX, passou a ser usada como cozinha. Conseguimos alguns dados de descendentes de escravos que ainda residem em São Martinho, os quais lembram que os avós contavam que logo após a libertação, o espaço que antes era “quarto dos negros” passou a ser a cozinha e construiu-se ali um forno de barro. Conforme as sondagens arqueológicas, foi possível detectar uma grande quantidade de carvão. Outro elemento confirmado é o chão batido.

Em se tratando de sítios históricos temos um certo cuidado quando planejamos uma atividade de campo para não nos contaminarmos com os documentos escritos e sim tratar o sítio histórico como outro sítio arqueológico qualquer.

Assim em dezembro de 2002, escavando na área da antiga senzala, onde se encontrou muitos fragmentos de louças antigas e modernas, metais, vidros e elementos construtivos, outro grupo iniciou um processo de limpeza e decapagem no que considerávamos quintal ou jardim. Enquanto isso, outro grupo realiza sondagem na área principal de descarte (a lixeira).[4]



Fig. 6 fragmento de cerâmica moldada

¹ No Rio Grande os grupos de africanos introduzidos recebiam geralmente a denominação de angolas, congos, minas e moçambiques.

Em relação ao porão ou adega, percebemos que dificilmente trata-se de um porão. Primeiro ponto, existe poucas evidências de tralhas domésticas ou agrícolas na área. Nas três últimas campanhas o conjunto se resumiu a 50 peças, as evidências são louças, vidros e metal. Duas peças tem uma certa significância uma caixa de metal (10x15cm) deteriorada com um gargalo em azul cobalto e uma peça de metal decorada e quebrada que pode ser de uma máquina de costura antiga. Ambos estavam soterradas a uns 5 cm de profundidade

Nesta área de aproximadamente 50x20m (jardim), a uns 15 cm de profundidade encontrou-se alguns fragmentos de cerâmica de negros (é diferente da cerâmica dos horticultores guarani). Com características típicas de outras já encontradas no RS. Em torno de 25 cm de profundidade começamos a identificar um piso compactado (tipo chão batido) e numa camada acima (20 cm) um pequeno cachimbo moldado e decorado com incisões no bojo.

Essa foi uma das principais evidências da presença de um grupo tão importante na história da região central do RS.



Fig. 6 detalhe das aberturas triangulares da antiga senzala do casarão.

Assim nossas intervenções continuaram se estendendo ao longo do jardim. Ao término dessa jornada concluímos, em princípio, que esse local poderia ter sido ocupado como um avarandado ou a própria cozinha do período de 1820 a 1890. Pois era comum nesse período a cozinha não ser anexada ao casarão. Mas poderia ser também um espaço reservado aos escravos, pois os fragmentos de cerâmica são de três panelas pequenas. Não se sabe se essas panelas serviam para cozinhar também a comida para os donos e depois ser colocada em pratos de louça quando na mesa do casarão. Ou era apenas para a comida dos negros.

Os trabalhos de prospecções arqueológicas continuam e são alvo de associações

entre a cultura material e personagens sem presença significativa na história gaúcha.

A Arqueologia Histórica no RS

O grande impulso nas pesquisas referentes a arqueologia histórica tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul se deram a partir dos anos 80 com a intensificação das pesquisas sobre as Reduções Jesuíto-Guaraníticas. Neste sentido a pesquisa representou um avanço na questão de preservação dos patrimônios históricos através da investigação científica que visa não só o resgate e preservação do que esta sob o solo, mas também o que esta acima dele. [5]

Podemos constatar que as pesquisas referentes a arqueologia histórica despertam tanto no público como nas autoridades um interesse especial o que dá a ela todo um prestígio que merece ser lapidado e conservado. Assim o uso de um embasamento teórico e prático tanto da História como da Arqueologia, fazem da Arqueologia Histórica um campo para a interdisciplinaridade. O uso da documentação escrita apoiada a documentação arqueológica fortalece cada vez mais os resultados desta nova área de conhecimento.

A Arqueologia Histórica por situar-se mais próxima a contemporaneidade oferece aos pesquisadores ao mesmo tempo novas problemáticas e novas perspectivas. Por exemplo, os sítios históricos como é o caso de São Martinho, podem estar localizados, ou podemos dizer inseridos dentro da realidade da população atual, o que prejudica o pesquisador por que neste caso a perturbação é mais constante. Por outro lado no entanto por situar-se próxima a realidade da população as contribuições da história oral serão bastante úteis.

A proposição de realizar um estudo na região de São Martinho possui certa sustentação devido a uma série de características:

- a) produção bibliográfica circunstancial;
- b) coleções documentais circunstanciais e específicas concentradas em arquivos de fácil acesso;
- c) coleções de cultura material que podem servir como referências.

Os dois sítios a serem estudados possuem significativas evidências relativas ao cotidiano do século XIX. As coleções são formadas por objetos de farmacopéia, perfumaria, artigos de tocador, armarinho e respaldam-se também nas tralhas domésticas, eqüestres e agrícolas. O legado belicoso é amplamente registrado pela farta coleção de aparatos ligadas à armaria (partes de

armas de fogo). As coleções de artefatos relacionados a culinária também é ampla podendo revelar os costumes à mesa bem como o status de seus moradores, quando é explorado os milhares de fragmentos de louça e vidraria refinada.

Nesse sentido, acreditamos que sítios históricos revelam um manancial de dados que ultrapassam qualquer evento escrito. Tanto o casarão quanto o sítio da guarda vem a identificar que as evidências arqueológicas, as micro estruturas e as macro estruturas quando relacionadas correspondem a uma dinâmica que vai além do documento histórico.

Referências

- [1] ALBUQUERQUE, Paulo T. S. A faiança portuguesa dos séculos XVI a XIX em Vila Flor Rio Grande do Norte. UFP, 1991. Dissertação de Mestrado
- [2] BELTRÃO, Romeu. Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho. 2ªed.. IHGSM. 1979
- [3] JUNQUEIRA, Paulo A. O Fabrico Artesanal de Telha Colonial. In: Arquivos do Museu de História Natural, UFMG. Belo Horizonte, vol. X, 1985/86.
- [4] LIMA, Tania Andrade e Outros. A tralha doméstica em meados do século XIX: Reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. In: Dédalo. São Paulo, 1989.
- [5] KERN, Arno Alvarez. Pesquisas Arqueológicas nas Reduções Jesuítico-Guaranis (1984-1994). In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS. Vol. XX, 1994.